



FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

1º ciclo do 4º bimestre do 9º ano

Eixo bimestral: **ROMANCE**

Formação Continuada em Língua Portuguesa

1º ciclo do 4º bimestre do 9º ano

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Andreza Nora

Conteudistas

Fernanda Demier

Tânia Mikaela Roberto

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2013



O QUE ENSINAR?

LEITURA

- **Identificar e diferenciar personagens protagonistas e antagonistas.**
- **Diferenciar a descrição objetiva da subjetiva.**
- **Relacionar as características físicas dos personagens à sua composição como um todo.**
- **Identificar as figuras de linguagem recorrentes no gênero estudado.**

USO DA LÍNGUA

- **Reconhecer a importância dos conectivos e da pontuação no encadeamento das orações.**

PRODUÇÃO TEXTUAL

- **Produzir resumos de romances lidos.**

COMO ENSINAR?

Esta seção apresenta sugestões de atividades que retomam conteúdos e aprofundam habilidades, algumas delas já exploradas em ciclos anteriores, com o propósito de complementar os exercícios previstos no *Roteiro de Atividades*. Ela está organizada em quatro sequências didáticas, as quais exploram os descritores previstos para este ciclo de estudo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1: PROTAGONISTAS E ANTAGONISTAS

Esta primeira sequência didática explora três descritores, que retomam o estudo sobre personagens, aprofundando seu processo de identificação e descrição em alguns passos adiante. Ela se organiza em cinco passos.

Eixo Leitura:

- Identificar e diferenciar personagens protagonistas e antagonistas.
- Diferenciar a descrição objetiva da subjetiva.
- Relacionar as características físicas dos personagens à sua composição como um todo.

INTRODUÇÃO

Antes que se proponham atividades referentes à construção dos personagens, convém que o professor explore com os alunos as concepções de *protagonista* e *antagonista*, nem sempre totalmente compreendidas pelos alunos.

Assim, será bastante útil uma conversa inicial sobre o assunto. O professor pode, inicialmente, questionar o significado dos termos “protagonista” e “antagonista”, mencionando ser o protagonista a personagem central da trama, aquele que possui o papel de maior destaque. Destacando o fato de os termos “protagonista” e “antagonista” serem antônimos, o professor pode explicitar o caráter de oposição entre o antagonista e o protagonista da trama: ao longo do enredo, ambos caminham juntos, sendo que ao antagonista compete atrapalhar ou impedir as ações do protagonista.

Em seguida, é importante comentar que a associação do protagonista com o “mocinho” e do antagonista com o “vilão” nem sempre ocorre. Os papéis podem estar invertidos ou, ainda, o antagonista pode se manifestar como um obstáculo (abstrato) na vida do protagonista, e não como uma personagem materializada.

O professor pode, ao explorar essa questão, retomar a leitura sugerida para o ciclo: *A volta ao mundo em 80 dias*, de Júlio Verne. Nela, o protagonista Phileas Fogg permanece durante quase toda a trama como uma incógnita, sem que se tenha certeza a respeito de seu caráter (se é mocinho ou vilão). O antagonista, na trama, poderá ser entendido como o detetive que se aventura a persegui-lo, Sr. Fix.

A conversa também pode resgatar as concepções de descrição física e psicológica, a fim de que sejam abordados aspectos objetivos e subjetivos na caracterização de personagens. Protagonistas e antagonistas são centrais em narrativas e merecem aprofundadas descrições, nem sempre feitas de forma explícita e direta. Por vezes, ao mencionar suas ações ou manifestar a opinião de outras personagens a respeito deles, o narrador leva o leitor a construir o perfil das personagens centrais da trama.

A descrição objetiva apresenta o personagem (ou o lugar, o fato, etc.) de forma concreta. A descrição subjetiva, por sua vez, é fortemente influenciada pela emoção de quem descreve, podendo ou não distorcer a realidade. Inicialmente, é importante que se trabalhe com os alunos essa noção por meio de caracterizações simples: identificar, por exemplo, uma mulher como “bonita” implica caracterizá-la com subjetividade, uma vez que exprime uma visão particular sobre o que é belo ou não – em alguns casos, mesmo em uma descrição tida como objetiva, pode-se encontrar um dado ou outro de subjetividade, tendo em vista a escolha da adjetivação a ser feita. Em seguida, pode-se aprofundar a análise, construindo, junto aos alunos, um quadro comparativo como o que se segue na página seguinte:

Personagem descrita	Descrição objetiva	Descrição subjetiva
Phileas	<p>“Um dos membros mais singulares e destacados do Reform Club de Londres.”</p> <p>“Não era industrial, nem negociante, nem comerciante, nem agricultor.”</p> <p>“O seu único passatempo era ler jornais e jogar whist.”</p> <p>“Phileas Fogg vivia só na sua casa de Saville Row.”</p> <p>“[...] seria rico? Incontestavelmente. [...] não era pródigo.”</p> <p>“[...] não mostrava sequer um ligeiro excesso de peso, cabelos e suíças louros, testa lisa sem rugas nas têmporas, face mais pálida que colorida [...]” Fogg</p>	<p>“Personagem enigmático, de quem nada se sabia [...]”</p> <p>“Diziam que era parecido com Byron [...]”</p> <p>“Inglês, seguramente, Phileas Fogg não era talvez londrino.”</p> <p>“<i>Gentleman</i> tão misterioso [...]”</p> <p>“de aspecto nobre e belo”</p> <p>“dentes magníficos”</p> <p>“calmo, fleumático, olhar límpido” “Um homem <i>caseiro e regular</i>, um verdadeiro robô.”</p> <p>[observe que <i>caseiro e regular</i>, são descrições objetivas que sustentam a descrição subjetiva: <i>um verdadeiro robô</i>]</p> <p>“excêntrico”</p>
Jean Passepartout	<p>“lábios um pouco salientes”</p> <p>“olhos azuis”</p>	<p>“era um rapaz excelente, fisionomia amável”</p> <p>“cor do rosto animada”</p> <p>“caráter expansivo”</p>
Aouda	<p>“cabelos reluzentes, regularmente divididos ao meio”</p> <p>“longos cílios sedosos”</p> <p>“cintura delgada e flexível”</p>	<p>“seu busto, onde a juventude em flor guarda os mais perfeitos tesouros”</p> <p>“parece ter sido modelada em pura prata, pela mão divina de Vicvacarma”</p>
Detetive Fix	<p>“Homenzinho <i>magro</i>”</p> <p>[observe que <i>homenzinho</i> é subjetivo]</p> <p>“longos cílios”</p>	<p>“de aspecto bastante inteligente”</p> <p>“olho muito vivo”</p>

Por fim, é importante que os alunos percebam o quanto algumas características físicas e psicológicas se associam a determinados tipos e estereótipos narrativos. Quanto às descrições físicas, nem sempre se configuram apenas por sua objetividade, como mencionado anteriormente. Geralmente, costumam dar informações relativas ao perfil psicológico da personagem. Há que se atentar, também, para muitas informações presentes na narrativa que dão pistas sobre o perfil das personagens: suas roupas, onde moram, suas profissões e ações. Muitos aspectos psicológicos, como sentimentos, ideias, caráter, preferências e visão de mundo, nem sempre se mostram explicitados por descrição direta e objetiva.

Feita tal explanação inicial, algumas atividades são sugeridas nos passos que seguem.

PASSO 1: IDENTIFICAR O PROTAGONISTA

No primeiro passo sugerido nesta sequência didática, propõe-se uma competição. O professor divide a turma em dois grandes grupos, que obterão pontuação por cada acerto na atividade proposta, nos moldes de atividades competitivas de programas televisivos.

Divididos os grupos e combinada a ordem de participação de cada membro (um por vez), dá-se início à competição. O professor escolherá um personagem conhecido e o descreverá, utilizando uma característica por vez, até que alguém se arrisque a identificá-lo. Ninguém marca ponto se as opções se esgotarem. O professor poderá considerar como resposta correta opções como “o personagem principal do (nome da obra)”, por exemplo, exceto quando for dada a última característica, que se associa ao nome da obra em si. Para essa atividade, entretanto, é necessária uma leitura preliminar, para que se conheçam as personagens da história.

A seguir, são apresentados e descritos alguns protagonistas famosos de filmes e seriados televisivos. As sugestões são retiradas de filmes atuais para facilitar a atividade. O professor poderá acrescentar os que julgar relevantes, explorando, principalmente personagens de textos lidos com a turma.

Personagem	Características
Chris (<i>Todo mundo odeia o Chris</i>)	1. Jovem e negro; 2. Engraçado; 3. Azarado; 4. Tem um único amigo; 5. Filho mais velho; 6. Tem uma família incomum; 7. Estuda em uma escola de brancos; 8. Sofre <i>bullying</i> ; 9. Mora no Brooklin; 10. É odiado por todos.
Bella (<i>Saga Crepúsculo</i>)	1. Ela tem dificuldade de se encaixar socialmente; 2. É filha de pais separados; 3. É atraída pelo perigo. 4. Convive com seres incomuns; 5. Seus pensamentos são inacessíveis a qualquer um; 6. Dois inimigos mortais lutam por ela; 7. Seu nome indica uma característica sua; 8. Vive entre dois mundos; 9. Não tem medo de lobos; 10. Ama um vampiro.
Shreck	1. Verde; 2. Feio; 3. Bom; 4. Reclamão; 5. Herói; 6. Amigo; 7. Fictício; 8. Seu melhor amigo não é humano; 9. Ama uma princesa incomum; 10. É um ogro.
Wolverine (<i>X-Man</i>)	1. Muito Forte; 2. Desconfiado e antissocial; 3. Herói fictício; 4. Triste e solitário; 5. Tem problemas de memória; 6. Não é correspondido no amor; 7. Ele se autorregenera; 8. Tem costeletas; 9. Tem garras de adamantium (metal fictício); 10. É um mutante.
Dr. House	1. Homem maduro, magro e alto; 2. Extremamente competente em sua profissão; 3. Não tem sorte no amor; 4. Tem dificuldades de conviver socialmente; 5. Gosta de música; 6. Tem senso de humor incomum; 7. É viciado em resolver enigmas; 8. Vive com dores; 9. É dependente químico de

	Vicodin, um remédio para dor; 10. Médico de diagnósticos cujo nome significa “casa” em inglês.
Relâmpago McQueen (Carros)	1. Vermelho; 2. Veloz; 3. Gosta de se exibir, mas tem bom caráter; 4. Tem palavra; 5. Não é humano; 6. Ama competições; 7. Tem espírito campeão; 8. É um desenho animado; 9. É o melhor amigo do Mate; 10. É um carro de corridas.
Sam Witwicky (Transformers)	1. Jovem aparentemente comum; 2. Inseguro, mas só namora mulheres lindas; 3. Seus pais costumam deixá-lo constrangido; 4. Ele tem amigos incomuns; 5. As pessoas nunca conseguem falar seu sobrenome corretamente; 6. Ele tem um cachorro. 7. O tataravô dele fez uma grande descoberta que o transforma em herói; 8. Ele se mete em uma guerra alienígena; 9. Seu carro é um Camaro amarelo. 10. Seu carro é um robô transformer chamado Bumblebee.
Harry Potter	1. Jovem magro; 2. Usa óculos; 3. Anda sempre com um casal de amigos; 4. Tem cicatriz na testa; 5. É corajoso; 6. É órfão; 7. Combate o mal; 8. Estuda em uma escola diferente; 9. Vive entre dois mundos; 10. É um bruxo aprendiz.

PASSO 2: IDENTIFICAR AS DESCRIÇÕES COMUNS AOS DIFERENTES PROTAGONISTAS

Neste passo, o professor deverá retomar as descrições exploradas na explanação introdutória e no Passo 1, a fim de chamar a atenção dos alunos quanto a características comuns entre protagonistas de diferentes tramas. Este é o momento em que diferentes perguntas podem ser exploradas, tais como:

- Que características parecem se repetir entre protagonistas de diferentes histórias?
- Que tipo de “problema” se manifesta na construção dos protagonistas analisados?

- Pode-se dizer que protagonistas são modelos? Em que aspectos?
 - Que valores podem ser associados aos perfis de “mocinhos” e “heróis” difundidos nas tramas analisadas?
 - Que aspectos físicos não costumam ser encontrados na descrição de protagonistas?
- Essas são perguntas motivadoras que, no entanto, poderão ser modificadas pelo professor em sala de aula, conforme a característica da turma. É importante também que se possa explorar a natureza do “herói”, cujo conceito moderno vai para além daquele que possui características magnânimas. Além disso, os protagonistas, por muitas vezes, ajudam a ativar esse novo conceito, que poderá gerar debates bastante proveitosos em sala de aula.

PASSO 3: ANALISAR A DESCRIÇÃO DE ANTAGONISTAS

A partir do que foi estudado a respeito dos protagonistas, o professor pode, então, propor que se identifique, em diferentes obras exploradas, a figura do antagonista (que, cabe lembrar, não necessariamente precisa se materializar da mesma forma como o protagonista se apresenta). No caso das personagens exploradas no Passo 1, poderíamos considerar:

Protagonista	Antagonista
Chris (<i>Todo mundo odeia o Chris</i>)	A cada episódio uma nova circunstância se levanta contra o protagonista da série. Os alunos poderiam dar alguns exemplos, mas o antagonista que predomina é seu <i>bullyier</i> , Caruso.
Bella (<i>Saga Crepúsculo</i>)	Durante toda a saga, Bella e seus aliados (vampiros e lobos) lutam contra vampiros perigosos que a perseguem, pondo em risco sua vida. Victória é uma antagonista que pode ser mencionada como mais significativa.
Shreck	Na contramão das tendências, Shreck é quase um anti-herói, tendo como antagonista ninguém menos que o

	Príncipe Encantado. Ao longo das tramas, percebe-se o perfil frágil de Encantado e o poder de manipulação de sua mãe, a Fada Madrinha, que assume o papel de antagonista num dos filmes.
Wolverine (X-Man)	Inicialmente membro de uma grande equipe de mutantes liderados pelo Prof. X (Charles Xavier), tem Magneto na figura de antagonista. No terceiro filme, em que ganha destaque central, tem seu meio-irmão, Victor Creed, como antagonista.
Dr. House	Neste seriado, não há a figura personificada de um antagonista, cabendo diferentes interpretações. A cada episódio, somam-se vários sintomas incomuns aos dramas pessoais da personagem, que corre contra o tempo para salvar a vida de alguém... ou, na visão do protagonista, para resolver um enigma.

PASSO 4: DEBATER SOBRE A OBJETIVIDADE E A SUBJETIVIDADE NA DESCRIÇÃO DE PROTAGONISTAS E ANTAGONISTAS

Este passo é muito semelhante ao Passo 3, pois propõe reflexões semelhantes às já propostas; desta vez, em relação aos antagonistas:

- Em que aspectos físicos diferem protagonistas e antagonistas?
- E em que aspectos psicológicos?
- Em que esses personagens opostos se assemelham?

Entretanto, o mais importante seria observar em que medida essas descrições são mais ou menos objetivas. Seria interessante destacar trecho em que se observasse uma descrição mais subjetiva, demonstrando um juízo feito pelo narrador a respeito da personagem. Neste momento, por fim, poderiam ser explorados alguns novos adjetivos que se referissem às características destacadas.

PASSO 5: CRIAR PERSONAGENS

Para concluir a sequência referente aos personagens centrais, sugere-se que o professor proponha uma breve atividade de produção, em que os alunos, em duplas, criem um protagonista e um antagonista, caracterizando-os adequadamente a partir do que foi explorado ao longo da sequência didática. Para tanto, o professor pode apresentar o seguinte roteiro:

1. Imagine um personagem.
2. Defina um antagonista que faça par com o personagem criado.
3. Escolha 10 adjetivos que descrevam fisicamente o protagonista criado.
4. Escolha 10 adjetivos que descrevam fisicamente o antagonista criado.
5. Em poucas palavras, defina algumas ações realizadas pelo protagonista que revelem alguns de seus traços psicológicos mais relevantes.
6. Faça o mesmo em relação ao antagonista.
7. Em poucas palavras, crie um perfil do protagonista (onde mora, o que gosta, o que faz, o que o motiva, seus medos e objetivos, etc.).
8. Faça o mesmo em relação ao antagonista.
9. Crie uma frase, como se fosse dita por um personagem secundário, em que o protagonista seja descrito sem que se utilizem adjetivos para qualificá-lo.
10. Confira, ao longo de suas respostas, se não há incoerência no perfil traçado para cada personagem.

Como Avaliar?

Esta primeira sequência didática envolve três descritores. Sua avaliação é condicionada ao aprofundamento que a turma conseguir dar às atividades propostas. O Passo 1, por exemplo, consiste em marcar pontos ou não, podendo o professor inserir novos personagens descritos ou alterar a sugestão dada conforme lhe for útil.

No segundo passo, no qual se propõe a descrição física e psicológica dos personagens, o professor pode estabelecer, por exemplo, o uso apenas de adjetivos ou de verbos e advérbios para a descrição. A partir desses critérios estabelecidos, poderá avaliar a adequação dos itens lexicais escolhidos pelos grupos ao responderem à atividade.

O terceiro passo dependerá do aprofundamento motivado pelas perguntas do professor à reflexão proposta acerca dos perfis de protagonistas e antagonistas comuns em diferentes tramas. A partir das respostas o professor poderá sugerir a organização de tabelas ou listas com as qualificações mais frequentemente encontradas, por exemplo.

No quarto passo sugerido, o professor precisa estar atento a antagonistas pouco convencionais, como o tempo, no caso da obra *A volta ao mundo em 80 dias*.

No último passo, a atenção aos adjetivos selecionados pelos alunos é essencial, pois permitirá aos demais colegas elaborarem uma imagem mental do personagem, o que, de algum modo, pode contribuir para que se infira ou se imagine outras características não descritas. Se um personagem anda encurvado, por exemplo, pode-se atribuir isso a uma má postura, mas também a uma característica psicológica, como timidez, visão pessimista da vida, etc.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: AS FIGURAS DE LINGUAGEM

Esta segunda sequência didática retoma e aprofunda o estudo das figuras de linguagem. Ela se estrutura em dois passos.

Eixo Leitura:

- Identificar as figuras de linguagem recorrentes no gênero estudado.

INTRODUÇÃO

As figuras de linguagem já foram exploradas no segundo bimestre, quando foram trabalhados os gêneros “conto” e “crônica”. Na ocasião, os alunos puderam conhecer esse recurso estilístico muito empregado em diferentes textos literários. Neste ciclo, o objetivo é estudar seu emprego especificamente em romances. Para tanto, diferentes passos são propostos.

PASSO 1: ASSOCIAR AS FIGURAS DE LINGUAGEM ÀS PERSONAGENS ESTUDADAS

A partir das atividades propostas na sequência anterior, referentes à caracterização de personagens, o professor pode desafiar a turma a, em pequenos grupos, substituir os recursos linguísticos adotados (tais como adjetivos e indicações de ações que configurem o perfil de cada personagem) por figuras de linguagem que desempenhem valor descritivo.

Neste exercício de (re)descrever personagens por meio de figuras de linguagem, os alunos poderão relembrar as diferentes figuras e, mais facilmente, identificá-las nos romances lidos - o que é sugerido no passo seguinte.

O professor pode apresentar alguns exemplos para ajudar os grupos na atividade:

Personagem: Saci	
Descrição convencional	Figura substitutiva
Brincalhão	Diabrete travesso; um furacão (metáfora)
Assustador	Ele gosta de matar as pessoas de susto (hipérbole)
Com poderes sobrenaturais	Seu gorro vermelho apronta as maiores

	travessuras com sua magia (metonímia)
Figura folclórica brasileira	O negrinho encantado de uma perna só é um ícone de nosso folclore nacional (perífrase)
Personagem: Lara Croft (Tomb Raider)	
Descrição convencional	Figura substitutiva
Exímia lutadora	Tem a agilidade e a destreza de cem homens (hipérbole)
Temida	Seus olhos fazem qualquer um tremer (metonímia)
Linda	Sua beleza é como luz nas trevas (comparação e antítese)
Tem lábios carnudos	Sua boca é fruta doce e madura (metáfora)
Forte e corajosa	“Fragil como um cristal” (ironia e comparação)
Atraente	Voz doce, andar suave e olhar fatal (sinestesia)
Personagem: O incrível Hulk	
Descrição convencional	Figura substitutiva
Descontrolado	Com a fúria de mil furacões (metáfora)
Extremamente forte	Um dedo seu é capaz de grande estrago (metonímia)
Sofre mutação quando está com raiva	A expressão “ele vira uma fera” não é exagero em seu caso (metáfora/hipérbole)

PASSO 2: IDENTIFICAR AS FIGURAS DE LINGUAGEM PRESENTES NO LIVRO “A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS”

Como neste ciclo de estudos está prevista a leitura da obra *A volta ao mundo em 80 dias*, de Júlio Verne, o professor poderá apresentar aos alunos uma lista de passagens da obra que contenham figuras de linguagem, a fim de que os alunos as identifiquem.

Isso poupará os alunos de retomarem o texto apenas para rever alguns exemplos, o que se tornaria tarefa enfadonha e pouco produtiva.

Para auxiliar o professor nessa atividade, seguem alguns trechos que poderão ser reproduzidos para a turma:

Trecho com figura de linguagem	Figura(s) presente(s) no trecho
“sobrancelhas de ébano” (Aouda)	
“possuía uma força hercúlea” (Passepartout)	
“na pupila negra de seus grandes olhos límpidos, navegam como nos lagos sagrados do Himalaia, os reflexos mais puros da luz celeste” (Aouda)	
“seus dentes resplandecem entre seus lábios sorridentes, como gotas de orvalho” (Aouda)	
“pés arqueados e tenros como os brotos do lótus” (Aouda)	
“seu busto onde a juventude em flor guarda os mais perfeitos tesouros” (Aouda)	
“a viúva do Rajá do Bundelkund” (Aouda)	
“Seus belos olhos, mais que seus lábios, foram os intérpretes de seu reconhecimento.” (Aouda)	
“com a graça e a imprevisão de um autômato” (Fogg)	
“Ihotas montanhosas, muito escarpadas, muito pitorescas, roubavam dos passageiros a vista da grande ilha”	
“[Fogg] Descrevia racionalmente a sua órbita, sem se preocupar com os asteroides [Passepartout e Mr. Fix] à sua volta”	
“e se conteve para não pôr a mão no colete deste „senhor□” (Mr. Fix referindo-se a Fogg)	
“Via-se também o mar levantar-se para o sudoeste em longas ondas „que sentiam a tempestade□	
“Na véspera o sol tinha-se deitado em uma bruma avermelhada”	

Como Avaliar?

A avaliação das atividades sugeridas para esta sequência objetiva a identificação de figuras de linguagem. Para tanto, compete ao professor lembrá-las com os alunos e, feito isto, apresentar a atividade, para a qual segue o quadro de resposta:

Trecho com figura de linguagem	Figura(s) presente(s) no trecho
“sobrancelhas de ébano” (Aouda)	Metáfora
“possuía uma força hercúlea” (Passepartout)	Hipérbole e metáfora
“na pupila negra de seus grandes olhos límpidos, navegam como nos lagos sagrados do Himalaia, os reflexos mais puros da luz celeste” (Aouda)	Personificação (os reflexos navegam) e sinestesia (reflexos puros)
“seus dentes resplandecem entre seus lábios sorridentes, como gotas de orvalho” (Aouda)	Comparação
“pés arqueados e tenros como os brotos do lótus” (Aouda)	Comparação
“seu busto onde a juventude em flor guarda os mais perfeitos tesouros” (Aouda)	Personificação (juventude guarda) e metáfora
“a viúva do Rajá do Bundelkund” (Aouda)	Perífrase
“Seus belos olhos, mais que seus lábios, foram os intérpretes de seu reconhecimento.” (Aouda)	Metonímia
“com a graça e a imprevisão de um autômato” (Fogg)	Ironia
“Ilhotas montanhosas, muito escarpadas, muito pitorescas, roubavam dos passageiros a vista da grande ilha”	Personificação
“[Fogg] Descrevia racionalmente a sua órbita, sem se preocupar com os asteroides [Passepartout e Mr. Fix] à sua	Metáfora

volta”	
“e se conteve para não pôr a mão no colete deste ‘senhor’” (Mr. Fix referindo-se a Fogg)	Ironia
“Via-se também o mar levantar-se para o sudoeste em longas ondas ‘que sentiam a tempestade’”	Personificação
“Na véspera o sol tinha-se deitado em uma bruma avermelhada”	Personificação

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3: O ELO ENTRE AS ORAÇÕES

Nesta terceira sequência didática, o estudo do processo de encadeamento entre orações é retomado e aprofundado. A sugestão apresenta-se em três passos.

Eixo Uso da língua:

- Reconhecer a importância dos conectivos e da pontuação no encadeamento das orações.

INTRODUÇÃO

O uso de conectivos vem sendo explorado desde o segundo bimestre a partir do estudo das relações de coordenação e subordinação. A tarefa de compreender os tipos de relações semânticas e sintáticas que se estabelecem entre orações passa, obrigatoriamente, pelo reconhecimento dos diferentes conectivos. Não reconhecer os conectivos gera problemas na compreensão e na produção textual, pois eles estabelecem relações de sentido essenciais para o entendimento do que é dito.

Muitas vezes, porém, essas relações de sentido se estabelecem sem que algum conectivo esteja explicitado. Nesse caso, a pontuação exerce função importantíssima, pois organiza o discurso escrito de modo a orientar a interpretação do leitor quanto ao que se quer dizer.

Diferentemente da difundida relação com a pausa na oralidade, a compreensão das leis que regem a pontuação está mais associada à organização sintática dos termos no período que à representação de intensidade, entoação e silêncio; daí a relevância de se ter um conhecimento razoável de sintaxe para resolver grande parte dos problemas de pontuação. Esse é um ponto crucial a ser resolvido com os alunos logo no início da abordagem do assunto.

Dessa relação entre pontuação e sintaxe, importa dar atenção especial ao uso da vírgula e do ponto-final.

Observe o exemplo a seguir:

- (1) Esse, juiz, é corrupto.
- (2) Esse juiz é corrupto.

Em (1), o termo “esse” aponta para alguém não enunciado na frase (sendo, portanto, um dêitico), e o termo “juiz” funciona como vocativo (o que justifica o uso das vírgulas para isolar o termo dos demais elementos oracionais).

Dêitico: elemento relativo à dêixis, que significa “apontar, demonstrar”; expressão que carece dessa indicação no mundo (exterior à língua) e se refere a uma situação específica (real ou imaginária); dêiticos são pronomes (ele, você, etc.) ou advérbios (aqui, lá, ali, etc.), dentre outros, que não possuem um referente “fixo”, mas se referem à situação em que o enunciado é produzido, ao momento da enunciação e aos interlocutores.

Em (2), o termo “esse” acompanha o termo “juiz”, o qual funciona como núcleo do sujeito, formando, com “esse”, um único sintagma.

Sintagma: conjunto de elementos linguísticos unidos a partir de um núcleo e que formam uma unidade numa organização hierárquica.

A associação do uso da vírgula a pausas respiratórias é problemática, muito embora haja essa utilização no trecho. Vírgulas servem para organizar as informações

de modo a garantir uma compreensão inequívoca do que está sendo enunciado em um período. O período, por sua vez, traz em si uma mensagem completa, daí encerrar-se com um ponto-final ou pontuação equivalente (ponto de exclamação ou ponto de interrogação, por exemplo).

Dos casos de pontuação, o uso da vírgula configura-se como sinal a ser estudado com atenção detida uma vez que há os usos obrigatórios e os facultativos, o que gera muitas dúvidas em quem produz um texto. O emprego da vírgula é, muitas vezes, uma questão de estilo, não de norma. Há, entretanto, algumas regras que precisam ser bem conhecidas.

Casos mais comuns para o uso da vírgula:

a) Para separar termos de mesma função sintática ou termos repetidos.

Ex.: *Maria gosta de banana, maçã e abacate.* (Os três termos são sintaticamente equivalentes, compondo o objeto indireto. O conectivo “e” substitui a vírgula antes do último elemento.)

Ele nunca, nunca vai me perdoar.

b) Para isolar o vocativo.

Ex.: *Maria, vem cá!*

c) Para separar expressões locativas em datas.

Ex.: *Seropédica, 23 de maio de 2010.*

d) Para marcar a supressão (elipse) do verbo.

Ex.: *Ele gosta de cinema; eu, de teatro.*

e) Para isolar expressões exemplificativas ou de retificação (*por exemplo, além disso, isto é, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, em efeito, etc.*).

Ex.: *Viajaremos amanhã, ou melhor, depois de amanhã.*

f) Para isolar o aposto, termo que explica, enumera, resume ou especifica outro termo (sublinhado nos exemplos), com exceção do aposto especificador, que não exige vírgula.

Ex.: 1) *O mestre, estudioso do idioma, ensinava literatura.*

(aposto explicativo)

2) *Encontrei três alunos na praia: Pedro, Paulo e Teresa.*

(aposto enumerador)

3) *Gritos, choros, lamentos, nada o comoveu.*

(aposto resumitivo)

4) *A cidade de Itapetininga fica na região sul.*

(aposto especificador)

Pode-se entender o **aposto** como um termo intercalado na estrutura canônica do período; daí o uso da vírgula, exceto no aposto especificador, em que ele é parte da estrutura sintática do termo ao qual se refere.

g) Para separar as sub-álneas de uma seção, quando iniciadas com letra minúscula.

Ex.: Se cada uma das alíneas aqui apresentadas tivesse sub-álneas iniciadas com letra minúscula, elas viriam assim:

- *primeira sub-álnea,*

- segunda sub-álnea,
- terceira sub-álnea,
- e assim por diante.

h) Para isolar orações intercaladas.

Ex.: *Não posso afirmar com precisão, respondi eu, mas creio que ele tem razão.*

i) Para isolar o adjunto adverbial extenso deslocado, seja em períodos simples, seja uma oração subordinada adverbial (reduzida ou não) que antecede a oração principal.

Ex.: *Na última tarde daquele triste outono, ele partiu.*

(adjunto adverbial em período simples)

Logo que completou 15 anos, procurou emprego.

(oração subordinada adverbial temporal)

Observe que, em períodos compostos por subordinação com orações adverbiais *comparativas* e *consecutivas*, não há vírgula, pois a oração principal inicia o período, e a subordinada vem em seguida, como nos exemplos a seguir:

O país tem menos dívidas do que tinha há alguns anos. (comparativa)

Chorou tanto que seus olhos ficaram inchados. (consecutiva)

j) Para separar as orações coordenadas, exceto as introduzidas pela conjunção “e”.

Ex.: *Acendeu um cigarro, cruzou as pernas e o olhou fixo.*

(orações coordenadas assindéticas)

Ele não parava de chorar; precisei, então, intervir.

(oração coordenada conclusiva)

k) Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas.

Ex.: *O homem, que é mortal, precisa sempre cuidar da saúde.*

l) Para elementos em construções invertidas, a fim de facilitar a compreensão.

Ex.: *De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira.*

Cabe destacar que o uso da vírgula não se esgota com as regras mencionadas: em alguns casos, regras estilísticas acabam pesando mais que as normativas.

Casos mais comuns para o uso do ponto e vírgula:

Pelo fato de o ponto e vírgula estar associado a uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto, ele costuma representar uma dificuldade de uso ainda maior que a manifestada para o uso da vírgula. O importante é a clareza do que está sendo veiculado. Em períodos longos organizados com orações coordenadas, por exemplo, em que há vírgulas dentro das orações, convém separar uma oração de outra com o ponto e vírgula, o que facilita a leitura.

Costuma-se adotá-lo nas seguintes circunstâncias:

- a) para separar orações coordenadas longas;
- b) para fazer ressaltar expressões antagônicas, contrastivas ou paralelas em orações coordenadas;
- c) para separar as alíneas de uma seção, quando forem iniciadas com letra minúscula;
- d) para separar itens elencados após dois-pontos.

Aqui também cabe mencionar que o assunto não se esgota com as regras expostas, sendo o estilo determinante em muitos casos.

Casos mais comuns para o uso do travessão:

Aparentemente de simples uso, o travessão, os parênteses e as aspas costumam gerar algumas dúvidas quanto ao uso. O travessão, que é um hífen prolongado, costuma ser empregado nos seguintes casos:

- a) para ligar elementos que formam expressão indicativa de distância ou percurso;
- b) para substituir vírgulas, parênteses ou dois-pontos;
- c) para indicar mudança de turno em diálogos.

Importante destacar que, quando o travessão é usado como modo de marcar uma intercalação de texto (item b), ele não dispensa a pontuação apropriada. Os demais usos do travessão seguem regras estilísticas, não normativas.

Casos mais comuns para o uso dos parênteses:

Os parênteses são utilizados em orações ou expressões intercaladas incidentes. A pontuação deve ser aplicada dentro dos parênteses quando essas expressões forem autônomas, ou seguir normalmente fora dos parênteses, caso a expressão não seja completa. Eles servem, também, para encerrar informações referenciais relativas a citações, tais como nome de autor, ano e página da obra citada, bem como o significado de siglas mencionadas pela primeira vez em um texto.

Casos mais comuns para o uso das aspas:

A utilização das aspas e a devida pontuação em trechos marcados por sua presença é tema controverso. Em romances modernos, vem tomando o espaço dos travessões nas falas das personagens. Em textos acadêmicos e científicos, disputa

espaço com o itálico na representação de nomes próprios de obras e no destaque de vulgarismos, estrangeirismos e expressões empregadas em sentido conotativo.

Usam-se as aspas, ainda, para encerrar citações diretas curtas (de até três linhas). Caso a citação entre aspas contenha aspas, estas devem ser simples no trecho citado. A pontuação deve seguir os mesmos critérios adotados com os parênteses.

Fazendo o recorte necessário e explorando apenas o que julgar pertinente com a turma em que trabalha, o professor, feita a explanação inicial acerca da pontuação, pode aproveitar as sugestões de atividades que seguem para aplicar em sala de aula.

PASSO 1: CRIAR FRASES COM OS CONECTIVOS

A primeira atividade proposta caracteriza-se por seu dinamismo, exigindo que o professor esteja atento à sua correção. Divididos em dois grupos, um aluno participa por vez. O professor deverá ter, de antemão, duas pilhas de pedaços de cartolinas com palavras. Numa das pilhas, deverá haver substantivos e verbos diversos. Noutra pilha, deverá haver diferentes conectivos.

A atividade consiste em formar num determinado tempo o maior número de frases utilizando os conectivos corretamente. O professor solicita que um aluno cronometre a atividade e, ao sinal de início da contagem, mostra ao aluno um papel de cada pilha simultaneamente (um verbo ou substantivo + um conectivo). O aluno deverá formar um período composto utilizando o conectivo adequadamente. Marca ponto caso produza uma sentença coerente. Ganha o grupo que marcar mais pontos, ou seja, produzir maior número de sentenças corretas.

O professor poderá variar a atividade, aumentando o grau de complexidade do exercício. Poderá, por exemplo, apresentar a sequência verbo + conectivo + substantivo,

ou, ainda, selecionar um conectivo e exigir que a produção da sentença seja feita com outro conectivo de mesmo sentido.

PASSO 2: EXERCITAR O USO DE CONECTIVOS

Ainda quanto ao uso adequado dos diferentes conectivos, uma sugestão de atividade é uma proposta mais dinâmica de palavra cruzada. O professor oferece aos alunos uma atividade pronta e solicita que, em grupos de 3 ou 4, produzam atividade semelhante a ser aplicada em toda a turma, variando os conectivos empregados. Mais do que responder à palavra cruzada, a tarefa consiste em escolher os conectivos a serem explorados, elaborar as frases e montar a grade das palavras, num prazeroso e desafiador quebra-cabeças. Segue uma sugestão:

PALAVRA CRUZADA:

Verticais

1. _____ havia prometido, Phileas Fogg deu a volta ao mundo em 80 dias.
2. Phileas Fogg protagoniza uma admirável aventura ao redor do mundo, _____ não parece impactar-se com a experiência que vive.
3. _____ tivessem feito a rota ao contrário, não cumpririam a tarefa a tempo.
4. _____ dava a volta ao mundo, conheceu Aouda, por quem se apaixonaria.

Horizontais

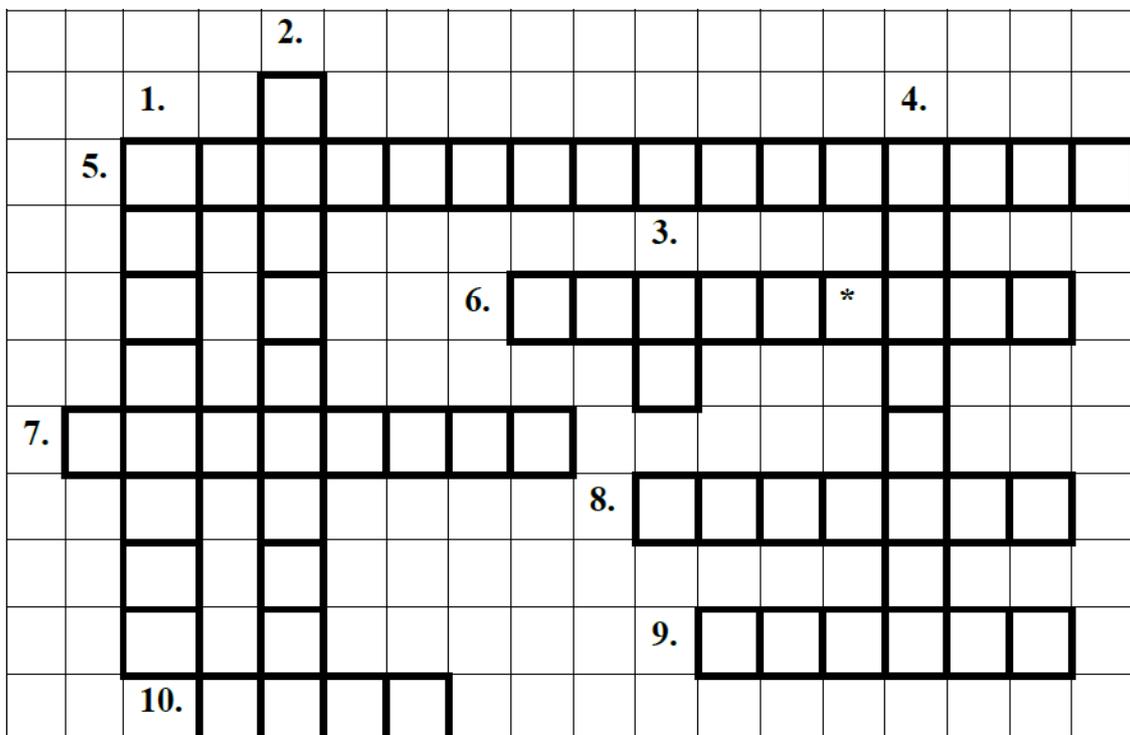
5. Aouda era agora uma viúva. _____, estava livre para casar-se com Phileas Fogg.
6. Phileas Fogg ganharia a aposta, _____ fizesse a viagem no tempo estipulado.

7. Passepartout queria um emprego que lhe desse tranquilidade e Phileas Fogg mostrava-se extremamente metódico e rotineiro. Era, _____, a oportunidade que buscava para sossegar.

8. Se Phileas Fogg não ganhasse a aposta, dificilmente se recuperaria do golpe, _____ o prejuízo financeiro que levou.

9. O Sr. Fix perseguiu Phileas Fogg ao redor do mundo, _____ não estivesse totalmente certo quanto à autoria do crime.

10. Passepartout não trairia seu patrão, _____ lhe devia a vida.



PASSO 3: EXERCITAR O USO DA PONTUAÇÃO ADEQUADA A CADA CONTEXTO

Esta atividade, voltada à pontuação, refere-se à reescrita de um texto não pontuado, a fim de garantir sua coerência. Para tanto, segue um texto desenvolvido para este objetivo:

Um funcionário conversava supostamente com um colega de trabalho pelo bate-papo de uma rede social a respeito do extravio de uma sacola de dinheiro do departamento financeiro da empresa, sem saber que falava, na verdade, com o detetive que investigava o caso. Ao ser questionado pelo “colega” se sabia de algo, o funcionário tratou logo de escrever:

Fulano:
<i>Já to sabendo onde foi parar a sacola do dinheiro Adivinha Encontraram a sacola de dinheiro</i>
<i>Com a secretaria não no setor de atendimento ao consumidor em hipótese alguma no almoxarifado não estava na sala do diretor Acredita</i>

Como não tinha por hábito pontuar ou acentuar nada, o funcionário acabou não ajudando muito o detetive, que se embrenhou na árdua tarefa de tentar pontuar o texto, a fim de descobrir com quem estava o dinheiro roubado.

No texto acima, a simples mudança de pontuação permite que se encontre o dinheiro em um dos *quatro* lugares citados. O desafio aos alunos consiste em pontuar o texto de modo a apontar essas diferentes possibilidades de interpretação.

Na atividade de pontuação, as possibilidades de (re)escrita e de interpretação são:

1. O dinheiro estava com a secretária:

Fulano:

Já tô sabendo onde foi parar a sacola do dinheiro.
Adivinha?
Encontraram a sacola de dinheiro com a secretária!
Não no setor de atendimento ao consumidor.
Em hipótese alguma no almoxarifado.
Não estava na sala do diretor.
Acredita?

2. O dinheiro estava no setor de atendimento ao consumidor:

Fulano:

Já tô sabendo onde foi parar a sacola do dinheiro.
Adivinha?
Encontraram a sacola de dinheiro...
Com a secretária?
Não!
No setor de atendimento ao consumidor.
Em hipótese alguma no almoxarifado.
Não estava na sala do diretor.
Acredita?

3. O dinheiro estava no almoxarifado:

Fulano:

Já tô sabendo onde foi parar a sacola do dinheiro.
Adivinha?
Encontraram a sacola de dinheiro...
Com a secretária?
Não!
No setor de atendimento ao consumidor?
Em hipótese alguma!
No almoxarifado.
Não estava na sala do diretor.
Acredita?

4. O dinheiro estava na sala do diretor:

Fulano:

Já tô sabendo onde foi parar a sacola do dinheiro.
Adivinha?
Encontraram a sacola de dinheiro...
Com a secretária?
Não!
No setor de atendimento ao consumidor?
Em hipótese alguma!
No almoxarifado, não. Estava na sala do diretor!
Acredita?

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4: O RESUMO

Nesta última sequência didática, os alunos têm por desafio a produção de um resumo, sugerido em quatro passos.

Eixo Produção Textual:

- Produzir resumos de romances lidos.

PASSO 1: RETOMAR A OBRA LIDA

Embora certamente o romance lido pelos alunos já tenha sido foco de debate e reflexão, esta sequência didática prevê uma retomada dessa conversa, com o propósito de os alunos lembrarem algumas características essenciais da obra que precisarão estar presentes no resumo.

Sendo assim, o professor poderá partir dos seguintes questionamentos:

- a) Do que trata a obra? (mencionar a aposta que gera toda a trama);
- b) Qual o perfil do protagonista? (explorar as características de Phileas Fogg que mantêm o suspense da trama até o final, sem que o leitor tenha certeza quanto ao fato de ser ele um “herói” ou “anti-herói”);
- c) O que motiva Phileas Fogg à viagem? (apontar seus objetivos e sua personalidade);

- d) O que o protagonista ganha com a aposta? (destacar valores presentes na trama, como a honra à palavra, o amor, o [des]apego ao dinheiro, etc.);
- e) Qual a surpresa final? (explorar o equívoco relacionado aos fusos horários no final da viagem).
- f) Quais as personagens da trama? (explorar traços de personalidade e caráter das diferentes personagens e no que esses traços pesam na trama: Passepartout, Aouda, Fix).

PASSO 2: ORGANIZAR UMA SESSÃO DA VERSÃO CINEMATOGRAFADA DA OBRA LIDA

Feita a retomada da obra lida, o professor sugere à turma que assista a uma de suas versões cinematográficas. Nesse caso, o professor poderá optar por apresentar à turma uma versão mais antiga – e mais fiel à obra original – ou alguma releitura baseada na obra.

PASSO 3: COMPARAR AS VERSÕES DO ROMANCE

O terceiro passo desta sequência refere-se a um momento de reflexão sobre os pontos em que as obras (literária e cinematográfica) confluem e divergem. Este momento é essencial para o sucesso da etapa final da atividade proposta.

PASSO 4: ELABORAR UM RESUMO CRÍTICO

O último passo da sequência é a produção do resumo. A sugestão consiste em solicitar aos alunos que escrevam um pequeno resumo sobre o filme ao qual eles assistiram e que o comparem ao texto original. Assim, o texto deverá conter não apenas o resumo da obra, mas também apresentará passagens em que o filme diverge do livro. A produção deve seguir as orientações dadas pelo professor. Segue, então, na página seguinte, uma sugestão de roteiro:

1. Resumir o filme.
2. Avaliar o filme com base na aproximação ou nas divergências em relação à obra original (livro de Júlio Verne).
3. Não apresentar informações que interfiram na leitura ou na apreciação do filme.
4. Atentar para a correção da linguagem escrita.

Como Avaliar?

A partir das sugestões de atividades e do roteiro para a produção do resumo, o professor pode utilizar os critérios a seguir para avaliar a produção feita, atribuindo a cada item o valor que julgar relevante:

1. Os pontos centrais foram mencionados?
2. O resumo é feito de modo cuidadoso, sem estragar a surpresa da apreciação das obras por quem ainda não leu o livro?
3. Houve cuidado com a correção (ortografia, concordância, regência, etc.)?
4. O texto está estruturado coerentemente, com começo, meio e fim, adequada pontuação e paragrafação?

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

A fim de que você não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e suas avaliações, é apresentada, a seguir, uma lista comentada com algumas das mais significativas e acessíveis fontes que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

LEITURA

Livro Didático

Identificar e diferenciar personagens protagonistas e antagonistas.

MIRANDA, Simão de. **Escrever é divertido**: atividades lúdicas de criação literária. 4. ed. Campinas: Papirus, 2005.

O livro apresenta diversas atividades que estimulam a produção literária e fundamentam-na. Nele, o autor explora a concepção de personagens e a descrição em diferentes atividades.

Diferenciar a descrição objetiva da subjetiva.

Livro Teórico

SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras; Fapesp, 2005.

O livro trata sobre diversos assuntos, dentre os quais a concepção de descrição. A autora dedica um capítulo inteiro à descrição indicial, explorando o tema em profundidade.

Livro Didático

TERRA, Ernani & CAVALLETE, Floriana Toscano. **Projeto Radix**: Português: 9º ano. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Projeto Radix).

O livro trata, nas páginas 112 e 113, de recursos de descrição objetiva e subjetiva, incluindo atividades.

Relacionar as características físicas dos personagens à sua composição como um todo.

Livro Didático

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens: literatura, produção de texto, gramática: 3ª série: ensino médio.** 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.

Neste livro, os autores dedicam duas páginas à descrição de personagens em textos narrativos (p. 184 e 185).

USO DA LÍNGUA

Reconhecer a importância dos conectivos e da pontuação no encadeamento das orações.

Livros Teóricos

KOCH, Ingedore Villaça G. **A inter-ação pela linguagem.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

A autora explora o uso de alguns conectivos como operadores argumentativos ao tratar da coesão textual, da página 30 à 45.

PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. **Só vírgulas.** 3. ed. São Carlos: Edufscar, 2009.

A autora explora os inúmeros usos da vírgula em sua obra, sendo esta uma excelente fonte de consulta para os professores.

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens: literatura, produção de texto, gramática: 3ª série: ensino médio.** 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.

A pontuação é tema explorado desde a página 188 até a página 197 da obra.

PRODUÇÃO TEXTUAL

Produzir resumos de romances lidos.

Livro Didático

SARMENTO, Leila Lauer. **Português:** leitura, produção, gramática: 7ª série. 2. ed.
São Paulo: Moderna, 2006.

Nas páginas 252 e 253, a autora explora a produção de sinopses de filmes, trazendo informações preciosas a alunos e professores.